

A SEMÂNTICA DO VOCÁBULO EXPECTATIVA EM *CORPORA* DOS SÉCULOS XX E XXI

Daniel Felix Costa Júnior

Orientadora: Solange Coelho Vereza

Doutorando

RESUMO: De acordo com o Houaiss (2009), a origem do vocábulo “expectativa” remonta ao latim medieval, emitindo-se no sintagma “gratia expectativa” e derivando de “expectatum”, que é supino do verbo “expectāre”. Essa constatação permite a inferência de que ele advém de um verbo latino de 1ª conjugação com morfemas que se diluem em “ex-” (movimento para fora) e “-spectō” (observar, olhar para). Dois processos cognitivos, de base metafórica, estão presentes nesse prelúdio: um suportado pelo esquema imagético do contêiner (dentro-fora) e o outro suportado pela experiência sensória de “ver” associada à experiência de “conhecer” intelectivamente. Com base nos preceitos da Linguística Cognitiva, este trabalho investiga a atuação do vocábulo “expectativa” pelo viés semântico-lexical em dois *corpora*: a) gênero/histórico de Davies e Ferreira (2006), caracterizado por textos datados até o século XX; e b) web/dialetos de Davies e Ferreira (2016), caracterizado por textos digitais de blogs e sites, publicados na primeira metade da década de 2010. Um dos objetivos é descrever as adaptações/mudanças semânticas do conceito emocional em suas respectivas sincronias, contribuindo assim, para o objetivo maior de descrever o campo semântico (*frame*) da expectativa em língua portuguesa. Em uma abordagem de frequência quantitativa, verificou-se a aproximação semântica dos vocábulos mais colocados para o token pesquisado. Dois desses colocados merecem destaque entre os mais frequentes: “ansiedade” e “ansioso” – ambos atuando em movimentos opostos, apesar de possuírem a mesma base lexical. Os resultados obtidos, até a atual etapa da pesquisa, têm demonstrado uma tendência sutil: a de que o vocábulo da “expectativa” esteja a aproximar-se do campo semântico das patologias no *corpus* mais recente – fato que pode indicar uma readaptação que mereça ser considerada em futuras investigações deste conceito emocional.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora, Semântica, Expectativa.

A pesquisa sobre metáfora tem alcançado nos últimos anos uma dualidade que se reflete em metáforas consideradas corpóreas e metáforas que não são estruturadas corporalmente. A abordagem cultural que um estudo lexical promove não escapa dessa dualidade, principalmente

quando o objeto a que se pretende investigar une dois conceitos amplamente estudados de maneira isolada. O conceito de tempo e o conceito de emoção são fenômenos que se avaliam fortemente dentro da concepção corpórea das metáforas primárias deduzidas por Grady (1997), tendo a expectativa como um elemento que consegue unir ambos.

De acordo com o Houaiss (2009), a origem do vocábulo “expectativa” remonta ao latim medieval, emitindo-se no sintagma “*gratia expectativa*” e derivando de “*expectatum*”, que é supino do verbo “*expectāre*”. Essa constatação permite a inferência de que ele advém de um verbo latino de 1ª conjugação com morfemas que se diluem em “*ex-*” (movimento para fora) e “*-spectō*” (observar, olhar para). Trata-se de dois processos cognitivos, de base metafórica, que estão presentes nesse prelúdio: um suportado pelo esquema imagético do contêiner (dentro-fora) e o outro suportado pela experiência sensorial de “ver” associada à experiência de “conhecer” intelectivamente.

Conhecendo o pano de fundo etimológico, podemos partir para uma investigação que se projete sobre o comportamento semântico do vocábulo frente a sincronias mais recentes. Esta proposta se desenvolve sobre as seguintes perguntas:

- Como se constitui o *frame* de expectativa em língua portuguesa?
- De que forma a expectativa converge dos problemas de conceptualização do tempo, principalmente no que tange à dualidade corpo/cultura?

O objetivo geral é descrever o *frame* de expectativa tomando, como base, textos da modalidade escrita coletados em *corpora* do português. Tais *corpora* são instituídos na plataforma *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006, 2016)

Um *frame* pode ser pormenorizado em estrutura conceptual que forma modelos cognitivos idealizados (LAKOFF, 1987), sendo uma estrutura que se vale de diversos construtos do aparato da Linguística Cognitiva: metáforas conceptuais, esquemas imagéticos, metonímias e integração conceptual. Isso requer uma análise das regularidades semânticas das palavras mais recorrentes e suas vinculações a contextos específicos.

Uma das hipóteses é a de que o *frame* de expectativa tem-se aproximado da semântica de ansiedade quando se consideram dados mais recentes comparados a dados anteriores à década de 2000. Como consequência, o aspecto emotivo tem apresentado maior aproximação do núcleo semântico, mais do que o aspecto epistêmico para o mesmo *frame*, mesmo que ainda possua grande relevância em contextos sublinhados por um *ethos* de aparente racionalidade, como nos temas de economia.

Quanto à semântica cognitiva, supõe-se que exista algum mapeamento mais básico/primário envolvendo a ideia de expectativa que ultrapassa os mapeamentos mais recorrentes da conceptualização do tempo: movimento, trajetória e espaço. Acreditamos na ocorrência de um esquema imagético (ou outro elemento teórico cognitivista) que esteja ligado à ideia de “repetição” e que possa muitas vezes ser entendido pelo CICLO, embora nem sempre lhe satisfaça o esquema. Há futuridade expressa na compreensão da expectativa, mesmo que essa futuridade seja, em algumas vezes, um caso de perspectivização e Trajector, na nomenclatura de Langacker (1987), em vez de apenas marcação desinencial de futuro.

O teor da pesquisa é de base quantiquantitativa, devido ao fato de apoiar-se primeiramente nos dados numéricos fornecidos pela análise eletrônica dos *corpora* para, a partir disso, adentrar numa análise qualitativa desses mesmos dados.

Os *corpora* são livremente disponibilizados e suportados pela Universidade Brigham Young, dos quais se organizam em duas publicações: a primeira é de 2006, compondo um *corpus* de teor mais histórico; a segunda é 2016, compondo um *corpus* com gêneros digitais (ver Quadro 1). Quanto ao primeiro, excluíram-se os dados anteriores ao século XX, igualmente os da modalidade oral foram retirados, deixando apenas os gêneros escritos, para manter um critério de similaridade com os gêneros do segundo *corpus*.

Corpus	Amplitude (palavras)	Ano (publicação)	Datas originais dos textos	Gêneros
Gênero / Histórico	45 milhões	2006	Do séc. XV ao XX	Textos de ficção, falados, jornalísticos e acadêmicos
Web / Dialetos	1 bilhão	2016	Anos de 2013 e 2014	Blogs e sites

Quadro 1 – Composição do *corpus*.

Entre os principais procedimentos adotados estão:

- análise das colocações, a partir de análise eletrônica que lista em ordem numérica os vocábulos que mais se colocam próximas ao termo pesquisado;
- comparação entre os *corpora*, pois cada *corpus* fornece resultados diferentes com diferentes vocábulos colocados;
- verificação da vinculação semântica dos vocábulos de cada *corpus*, tendo em vista o cálculo de proporcionalidade entre as coocorrências e a quantidade total do acervo;

- análise dos contextos, a plataforma on-line fornece as linhas de concordância em modo KWIC para verificação do contexto imediato;

- análise das metáforas e metonímias seguindo o aparato procedimental do grupo de pesquisa Pragglejaz (2009), cujo principal enfoque é a confrontação entre o significado básico e o contextual;

- análise dos esquemas imagéticos no contexto KWIC (linha de concordância), no contexto ampliado (composição de aproximadamente 150 palavras mais próximas do *token*) e no contexto direto (link que leva à página real nos exemplos do segundo *corpus*).

Importa mencionar que a principal corrente teórica desta pesquisa é a Linguística Cognitiva, com ênfase maior para a abordagem conceptual da metáfora (LAKOFF; JOHNSON, 1980). A pesquisa aproveita-se da visão teórica mais tradicional da disciplina, unindo-a à abordagem de *corpus* – uma união que já tem sido adotada com relativa frequência nas pesquisas cognitivistas da última década, principalmente após as críticas que exigiam verificação em dados empíricos. Dessa maneira, dois eixos teóricos norteiam a investigação: estudos cognitivistas sobre a emoção e estudos cognitivistas sobre o tempo.

Ao analisar a estrutura conceptual de uma emoção, Kövecses (2000, 2008) organiza-a em metáforas conceptuais, metonímias conceptuais e em conceitos relacionados, sendo elementos que contribuem para a formulação de modelos prototípicos de uma emoção qualquer. Grande parte das metáforas identificadas costuma ser de mapeamentos primários, isto é, o fenômeno emocional tende a ser linguisticamente expresso por relações corpóreas, tais como as mencionadas em Johnson (1987), Lakoff (1987), e mais formalmente em Grady (1997) e Johnson (1999). Exemplos metafóricos, como AFETO É CALOR (“eles me saúdam *calorosamente*”) e FELIZ É PARA CIMA (“ela se sente nas *alturas*”), costumam ser bastante recorrentes.

Quanto ao conceito de tempo, as relações entre os domínios cognitivos do espaço e do movimento surgem como as mais regulares na linguística cognitiva: metáforas do “observador movente”, do “tempo movente”, e da “orientação temporal” foram mencionadas no *Philosophy in the flesh*, de Lakoff e Johnson (1999); a tridimensionalidade na metáfora do “tempo como espaço”, outrora abordada em Radden (2003); bem como a experiência fenomenológica real das diversas culturas do mundo no que se refere à ideia de tempo foi constatada por Lewandowska-Tomaszczyk (2016). Enfim, o tempo possui diversos domínios fontes, corpóreas

e não corpóreos, culturalmente inseridos, embora não seja conceptualizado universalmente pelos mesmos *frames*.

As análises mais recentes dos dados apontam semelhanças e diferenças entre os *corpora* que precisam ser averiguadas até a conclusão da pesquisa. Os colocados se apresentam em um grupo com vocábulos presentes em ambas as listagens e outro grupo com vocábulos peculiares do seu respectivo *corpus*. As frequências numéricas dos vocábulos que mais ocorrem junto ao termo “expectativa” podem ser observadas no Quadro 2, tendo sido obtidas com parâmetro restritivo de cinco palavras anteriores e cinco posteriores.

	a. Gênero/histórico	Fre		b. Web/dialetos	Fre
1.	RELAÇÃO	21	1.	ACENDEU-*	321
2.	ANSIOSA	12	2.	RASTO* 25	321
3.	INFLAÇÃO	12	3.	TORNO	270
4.	FUTURO	12	4.	CRIADA	198
5.	DESVALORIZAÇÃO	9	5.	CRIA	188
6.	DÓLAR	9	6.	ANSIEDADE	178
7.	TORNO	9	7.	POSITIVA	158
8.	CAMBIAL	7	8.	INTERESSANTES	149
9.	SAFRA	6	9.	SOBREVIDA	146
10.	ACONTECIMENTO	6	10.	TORNAREM	144
11.	VENDAS	6	11.	ÁLCOOL	143
12.	CRIAR	6	12.	EXPECTATIVA	129
13.	AGUARDADO	5	13.	GERA	128

Quadro 2 - Colocados para o *token* expectativa

A comparação demonstra-se mais perceptível ao mensurar os movimentos de elevação e declínio nas tabelas, em outras palavras, a aproximação e o afastamento do núcleo semântico da expectativa (Quadros 3 e 4). Toma-se o *corpus* do século XX como referência de partida e o *corpus* da Web como referência de chegada.

	Colocados	Cos Θ (apox.)	Ângulos	Posições alteradas
1.	ANSIOSA	0,4226	65°	-38
2.	OTIMISTA	0,4541	63°	-36
3.	DÓLAR	0,5	60°	-31
4.	CORRESPONDEU	0,5192	58,5°	-25
5.	FATURAMENTO	0,5561	56°	-21
6.	ORGANIZADORES	0,5879	54°	-17
7.	TENSA	0,6156	52°	-13
8.	AQUÉM	0,6560	49°	-10
9.	AGUARDADO	0,6792	47,5°	-9

Quadro 3 - Maiores declínios entre os *corpora* nas 100 posições mais relevantes

	Colocados	Cos Θ (apox.)	Ângulos	Posições alteradas
1.	CORRESPONDER	0,9750	13°	+70
2.	SUPEROU	0,9297	22°	+51
3.	CRIA	0,8522	31°	+40
4.	ANSIEDADE	0,8371	33°	+35
5.	SUPERANDO	0,8218	34°	+21
6.	LONGEVIDADE	0,7431	42°	+12
7.	CRIADA	0,7313	43°	+11
8.	POSITIVA	0,6819	47°	+7
9.	AUMENTOU	0,6691	48°	+5
10.	TORNO	0,6605	48,5°	+4
11.	CRIOU	0,6429	50°	+2
12.	LEGÍTIMA	0,6390	50,5°	+1

Quadro 4 - Maiores elevações entre *corpora* nas 100 posições mais relevantes

O que é mais evidente no Quadro 3, é o afastamento de vocábulos usados em contextos epistêmicos, como “dólar”, “correspondeu”, “faturamento” e “organizadores”, indicando *frames* de economia e de probabilidade. Por outro lado, o Quadro 4 demonstra a aproximação, em termos numéricos, de vocábulos que são usados em contextos emocionais ou não marcados de tendência geral, como “aumentou”, “cria”, “ansiedade”, “superou”.

Um fato que parece incoerente nessas elevações e declínios é a presença de dois colocados que possuem a mesma base lexical: “ansiedade” e “ansioso” – ambos atuando em movimentos opostos. O fato que parece uma contradição é resolvido pela análise qualitativa de identificação contextual. O colocado “ansiedade”, nos contextos KWIC e ampliado, apresentou tendência à patologização da emoção, enquanto o colocado “ansioso” não demonstrou evidência de patologização emocional.

Conclusões atuais

O texto apresentado nestes anais traz uma etapa episódica da pesquisa que se pretende culminar em tese. Já apontando um caminho mais propício para responder as perguntas suscitadas na introdução, caminho promovido pelas análises demonstradas aqui, mesmo que em viés de parcialidade.

A primeira pergunta, relativa à constituição do *frame*, tende a ser descrita pelos colocados da “expectativa” que indicam um agrupamento de termos ligados contextualmente. Esses se dividem em *frames* emocionais (ex. ansiedade), temporais (ex. futuro) e epistêmicos (ex. economia / probabilidade), formando uma tríade elementar fortalecidos pelos grupos lexicais: no 1º grupo, ansiedade, ansiosa, tensa etc.; no 2º grupo, futuro, superar, aguarda etc;

no 3º grupo, dólar, inflação, vendas etc. Os termos se aplicam a contextos variados devido ao caráter transitivo da expectativa, mas o seu fundamento é intencional como base fenomenológica de consciência pura. As metáforas identificadas nos colocados são em sua maioria primárias/corporificadas, grande parte delas influenciadas por esquemas imagéticos.

Quanto à segunda pergunta da introdução, a principal convergência da expectativa com as conceptualizações de tempo mais recorrentes se deve à característica corpórea dos seus elementos, nesse sentido, absorve tanto os pontos fortes quanto os pontos criticados do realismo corporificado. Diverge, em parte, das principais metáforas, esquemas e domínios associados ao conceito de tempo: ESPAÇO, TRAJETO e MOVIMENTO. Esses domínios são bastante presentes no *frame* de expectativa, mas, pelos dados, não parecem estar no mesmo nível conceptual destes: ITERAÇÃO e CICLO.

Referências

DAVIES, M.; FERREIRA, M. **Corpus do Português**: 1 billion words, Web/Dialects. Brigham Young University: Provo-UT, 2016-. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>, (acesso em maio 2017).

DAVIES, M.; FERREIRA, M. **Corpus do Português**: 45 million words, 1300s-1900s. Brigham Young University: Provo-UT, 2006-. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>, (acesso em maio 2017).

GRADY, J. E. **Foundations of meaning**: primary metaphors and primary scenes. 1997. 299f. Dissertation (Ph.D. in Linguistics) – University of California, Berkeley, 1997.

HOUAISS, A. et al. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JOHNSON, C. Metaphor vs. Conflation in acquisition of polysemy: the case of see. In: HIRAGA, Masako K.; SINHA, Chris; WILCOX, Sherman. (Eds.) **Cultural, psychological and typological issues in cognitive linguistics**: selected papers of the bi-annual ICLA meeting in Albuquerque, July 1995. Amsterdam: John Benjamins, 1999. p. 155-170.

JOHNSON, M. **The body in the mind**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

KÖVECSES, Z. The conceptual structure of happiness. **COLLEGIUM**: Studies across disciplines in the humanities and social sciences. Helsinki. v.3, p. 131-143, 2008.

KÖVECSES, Z. **Metaphor and emotion**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JONHSON, M. **Philosophy in the flesh**: the embodied mind and its challenge to western thought. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G.; JONHSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar**: Volume I, Theoretical prerequisites. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.

LEWANDOWSKA-TOMASZCZYK, B. Introducing conceptualizations of time. In: LEWANDOWSKA-TOMASZCZYK, B. **Conceptualizations of time**. Amsterdam /Philadelphia: John Benjamins, 2016. p. ix-xxi.

PRAGGLEJAZ GROUP. PIM: Um método para identificar palavras usadas metaforicamente no discurso. Trad. Dalby Dienstbach Hubert. **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre, n° 25, p.77-120, jul-dez. 2009.

RADDEN, G. The Metaphor TIME AS SPACE across languages. In: BAUMGAR-TEN, N.; BÖTTGER, C.; MOTZ, M.; PROBST, J. (Eds). *Überstezen, Interkulturelle Kommunikation, Spracherwerb und Sprach-vermittlung – das Leben MIT mehreren Sprachen. Festschrift für Juliane House zum 60. Geburtstag. Zeitschrift für Interkulturellen Fremdsprachunterricht*, 8 (2/3). p. 1-14, 2003.